

M I S S I O N A Ç Ã O

# Primeiros missionários dominicanos portugueses no *Oriente Lusíada* (1320-1415)<sup>1</sup>

---

*“Estes homens idos  
para Além-mar,  
saíram da Pátria  
solicitados pelos [relatos?]  
de anteriores emigrantes  
sem prévia preparação;  
movidos por novos  
impulsos?  
Uns morriam  
pelo caminho;  
outros talvez mais afoitos,  
salvaram forças,  
estímulo,  
das mesmas adversidades.  
Quantas maravilhosas  
epopeias!”*

**Fr. António-José  
de Almeida**

*Membro da Ordem  
dos Pregadores*

---

---

## *A*presentação

---

Apresento nesta comunicação um texto baseado na pesquisa realizada pelo meu falecido confrade Fr. António do Rosário, e que consta de umas fichas, digitalizadas por um seu secretário informático (Rui Alves), que se conservam no Convento de Cristo Rei, no Porto. Trata-se de apontamentos para um livro de recolha de textos, em que ele estava a trabalhar no fim da vida, e que tinha intitulado *Martirologio Dominicano no Mundo Português. Mártires e Martírios*. A índole desta recolha é pois, de carácter hagiográfico, não descurando todas as notícias que outro tipo de documentos fornecer, num propósito de exaustividade que caracterizava frei António do Rosário.

Pelo aspecto, bem digitalizado, parecia, à primeira vista, que seria fácil proceder-se à sua edição. A leitura atenta destas fichas revelou que necessitava de uma verdadeira redacção. Sinto-me um pouco no papel de Fr. Luís de Sousa, quando foi encarregado de redigir a *História de S. Domingos particular de Portugal*, a partir de elementos coligidos pelo seu confrade Fr. Luís de Cegas. Não tenho, porém, o domínio da língua pátria que o grande escritor possuía.

Embora a minha formação de base seja a História e a Teologia, lidei com o mundo da hagiografia ao preparar

---

<sup>1</sup> Com base numa recolha de textos realizada por †Fr. António do Rosário O.P.

a minha tese de Doutoramento em História da Arte<sup>2</sup>, que versava sobre a ilustração dos *Flores Sanctorum* em Português no século XVI. Na leitura dos textos recolhidos pelo Pe. António do Rosário ressaltam os *topoi* hagiográficos contados nessas narrativas. No presente tema, os textos provêm de duas fontes impressas: a *Ethiopia Oriental*, por Fr. João dos Santos O.P.<sup>3</sup>, e o *Agiolégio Domínico*, no aditamento realizado por Fr. José da Natividade O.P.<sup>4</sup>. Fr. António do Rosário, num fito historicista, intercala as duas narrativas num propósito de recolher o maior número de dados possível sobre os personagens em causa. Embora não desdenhe esses dados, o meu fito, como disse, é ressaltar os elementos hagiográficos contidos nas duas narrativas referidas.



Ambrosio Benson (\*1500 - †1550) – S. Domingos, com palma.<sup>5</sup>

---

### *Os servos de Deus Fr. Jordão de Évora, O.P., e companheiros mártires (séc. XIII-XIV)*

---

De antes da Missão de Ceuta, em 1415, encontramos dois dominicanos no Oriente (séc. XIII-XIV). Fr. **JORDÃO [DE ÉVORA]** [sacerdote], foi o primeiro Missionário Dominicano no Oriente Lusíada [i.e., onde os Portugueses mais tarde se estabelece-

<sup>2</sup> *Imagens de Papel* (...). Defendida, a 30 de Novembro de 2005, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Almeida, A.J., 2005 a).

<sup>3</sup> Obra a seguir referida pela sigla **EO**.

<sup>4</sup> Obra a seguir referida pela sigla **AgD**.

<sup>5</sup> Pintura do antigo 'retábulo da Paixão e santos dominicanos', da antiga igreja conventual de frades dominicanos de Santa Cruz, em Segóvia. [Fonte: Postal, editado pelo Secretariado Dominicano, Palência, n.º 5].

ram]. Para lá partiu com outro dominicano, Fr. **FRANCISCO DE PISIS**, e quatro companheiros franciscanos: frei Tomás Tolentino e frei Jácome de Pádua, [sacerdotes]; frei Demétrio de Tifólio e frei Pedro de Sena, irmãos [leigos].

As únicas referências que possuímos acerca do domínico Fr. **FRANCISCO DE PISIS**, possivelmente romano, encontram-se na já referida *História de S. Domingos*, por Fr. Luís de Sousa, III Parte, livro IV, cap. II (vol. 4, p. 299), e na *Bibliotheca Lusitana*, por Diogo Barbosa Machado (tomo II, p. 789 b). Limitam-se estes autores a dizer que ele foi companheiro (*socius*) de Fr. **JORDÃO [DE ÉVORA]**. Dele nada mais registam as notícias históricas.

Não saberemos dizer, se aqui os Frades Menores (de S. Francisco) acompanharam os Frades Pregadores (de S. Domingos), ou se a contrário. De facto, em 1320, os membros de ambas as Ordens Mendicantes se encontram enlaçados no mesmo abraço de amor pela salvação das almas, a conversão a Cristo.

Lembremos que a ânsia do martírio era muito forte nos primeiros tempos da existência das Ordens Mendicantes, a começar pelos fundadores S. Francisco de Assis e S. Domingos de Gusmão. S. Domingos é mesmo representado com a palma do martírio, reflectindo esta sua ânsia.<sup>6</sup>

---

*Fr. Jordão de Évora, O.P., e a sua imagem esculpida*

---

O grande interesse deste caso de Fr. Jordão de Évora para nós neste colóquio reside no facto de, como veremos, uma imagem sua, feita e adorada pelos pagãos, ter sido resgatada por um casal cristão português no século XVI e em seguida ser venerada pelos frades dominicanos na sua casa de Chaúl, em território do Padroado e Império Português, na Índia. Uma vez que me tenho dedicado, desde a minha tese de mestrado em História da Arte, sobre o programa iconográfico dos locais cultuais do antigo Convento de S. Domingos de Benfica<sup>7</sup>, à problemática do culto das imagens<sup>8</sup>, o presente tema reveste-se de grande importância no âmbito das minhas pesquisas.

Passemos agora ao contar da história e a uma breve análise das narrativas recolhidas por † Fr. António do Rosário O.P.:

DA BIOGRAFIA<sup>9</sup>, consta frei Jordão ser natural de Évora, onde se fez religioso e estudou. Aparece em 1320, a preparar-se para missionar. Passaram-se (os seis companheiros) à Pérsia, à cidade de Táuris; tornando-se rapidamente apto a pregar na

<sup>6</sup> Veja-se, por exemplo, o quadro da autoria de Ambrósio Benson, aqui reproduzido; e o comentário sobre ele por Iturgaiz C., D., 2003, na p. 138.

<sup>7</sup> *Imagines Sacrae no antigo Convento de S. Domingos de Benfica (...)*. Defendida, a 13 de Abril de 1999, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Almeida, A.J., 1998).

<sup>8</sup> Veja-se a minha comunicação e subsequente artigo, intitulados “Arte e Contra-Reforma”, no 1.º *Simpósio Nacional de Teoria Estética e Filosofias da Arte: Jogos de Estética – Jogos de Guerra*, publicado no n.º 2 dos «Cadernos Culturais da Fundação das Casas de Fronteira e Alorna», em Outubro de 2005 (Almeida, A.J., 2005 b). Além deste texto, somente está publicada uma outra pequena parte da minha tese de mestrado, no n.º 157 da revista espanhola *Reales Sitios* (Almeida, A.J., 2003).

<sup>9</sup> Ver, principalmente, as obras citadas na notícia de: Machado, D.B., 1966, pp. 789-790.

linguagem do campo missionário seu ouvinte. Não sendo acolhidos e sem esperanças de martírio, o foram buscar à ilha e reino de Ormuz, com desejo de ir pregar à Igreja dos “Cristãos de S. Tomé”, na cidade de Meliapor. Embarcaram-se em nau de mouros, que, por ventos contrários, os levou à ilha de Taná, junto à terra firme, entre as cidades de Baçaim e Chaúl, a uma cidade, Parroch, povoada de mouros e regida pelo governador Melique e por um Cádi (‘espécie de bispo a quem guardavam reverência os mouros’, [no dizer das fontes]<sup>10</sup>).

Desembarcados de novo, vieram a hospedar-se em casa de um [CRISTÃO] nestoriano

“...que [segundo Fr. João dos Santos, na *Ethiópia Oriental*, Évora 1609] vivia na mesma ilha casado, e fora ali ter da Pérsia, com outros mercadores nestorianos, os quais ainda que professam a lei de Cristo, tem muitos erros nela. Nesta casa estiveram oito dias, nos quais os nestorianos lhe pediram muito, que algum deles quizesse passar à terra firme, a uma cidade que nela estava, chamada Parroch, onde havia muitos nestorianos, que não tinham da lei de Cristo mais que o nome, porque nem se baptisavam, nem faziam obras de cristãos, para que lhes pregasse e os instruisse na fé, e baptizasse.

“E por conselho de todos foi o P. *Frei Jordão* a esta empresa, porque sabia muito bem a língua da Pérsia, e levou consigo dois daqueles nestorianos, que sabiam muito bem a língua da Índia, tomando ocasião do que estes lhe ofereciam, para ir pregar a verdadeira lei de Cristo Nosso Senhor, e apartá-los da falsa seita do Nestório, em que foram criados. Entrando pois em uma barca, chegaram à cidade Parroch, onde o padre pregou e baptizou muitos.” (E[thiópia] O[riental], II, pp. 77-79).

Apontemos alguns dados biográficos muito preciosos, retirados intercaladamente da *Ethiópia Oriental* e do *Agiológio Domínico*, à falta de outros documentos mais antigos:

“Mas depois de estar ali dezasseis dias foi avisado pelos mesmos cristãos, que se escondesse e fugisse, porque os quatro religiosos seus companheiros [O.F.M.] **eram presos** na ilha de Taná, onde ficaram. Ao que o padre *Frei Jordão* respondeu: *nunca Deus queira que eu fuja, e deixe meus companheiros presos*. E logo no dia seguinte se tornou para a ilha de Taná, onde achou que os religiosos seus companheiros **eram martirisados** pela fé de Cristo dois dias depois que deles se apartou, e que **foram mortos** por mandado de Melique governador da cidade, mais a requerimento de Cassis Cádi, que por sua vontade, por lhe parecerem os ditos religiosos inocentes e santos.<sup>11</sup> **Cujos corpos foram lançados num campo, sem haver quem ousasse enterra-los com medo dos mouros. No qual estiveram quatorze dias**, e no fim deles chegou o padre *Frei Jordão*” [...] (EO, II, p. 79).

Ardendo em desejo de participar na coroa dos gloriosos Mártires seus companheiros, frei Jordão não se escondeu como o haviam aconselhado todos os Cristãos

<sup>10</sup> Nas transcrições, acentuei as palavras, mas mantive a grafia antiga.

<sup>11</sup> Como Jesus Cristo a Pilatos.

encobertos, para evitar fim semelhante, mas entrou intrepidamente na cidade, e achou-a já a este tempo cheia de temor pelos evidentes milagres, que Deus obrava para glorificar aqueles gloriosos Mártires. (Cf. *Ag[iológio] D[omínico]*. t. V, p. 178).

[...] “e [o padre fr. Jordão] os enterrou [aos corpos dos religiosos] no mesmo lugar com muito sentimento de perder seus companheiros, e com veneração daquelas relíquias, pois não duvidava que as almas que naqueles corpos moraram, estariam no céu gosando da vista de Deus, prêmio de seus trabalhos e martírio.” [...] (*EO*. II, p. 79).

Fr. Jordão, diz o *Ag[iológio] Domínico* (t. V, p. 179), trabalhou na instrução e conversão daqueles povos, com grande sucesso, que o Cádiz admirado pelo grande número daqueles que se abraçavam a Fé, firmou um decreto com pena de morte contra todos os que seguissem frei Jordão.

E continua Fr. José da Natividade, no mesmo *Ag[iológio] Domínico* (*ibidem*):

[...] “Passados alguns dias, e congraçado [Fr. Jordão] com alguns Cristãos, extraíram em uma noite os corpos dos gloriosos Mártires, levando-os à cidade de Supero para lhes dar a devida sepultura. Para honorificência desta empresa, guardando algumas **relíquias** o nosso frei Jordão, para espalhar na Igreja a sua glória, as mandou a Táuris [aos franciscanos e dominicanos]”, juntamente com uma carta<sup>12</sup>. Desta carta ressalta a parte autobiográfica.

Prossegue frei João dos Santos, na *Ethiópia Oriental* (t. II, pp. 79-80):

“Depois que o padre *Frei Jordão* enterrou os corpos destes mártires, deixou-se ficar na ilha de Taná, onde esteve muito tempo sem o Melique lhe fazer mal algum, nem consentir que lho fizessem, porque via nele maravilhosos sinais de santidade, e sabia | [p. 80] que tinha rendido os corações dos moradores da ilha gentios, pelas **excelentes obras [= milagres]** que entre eles fazia, **dando vista a cegos, pés a coxos, e saúde a enfermos**, por onde era de todos muito estimado e venerado, e o mesmo Melique lhe tinha muito respeito.

[**Oposição dos muçulmanos:**] “As quais coisas não podiam sofrer os mouros da ilha, particularmente o Cassis Cádi, e outro mouro nobre grande inimigo dos cristãos chamado Oseph, antes muitas vezes persuadiam o governador que mandasse matar aquele Cassis [ou Cádi?] cristão por honra de Mafamede, porque se o não matava **muitos mouros e gentios se haviam de fazer cristãos**, pela pregação e milagres que obrava. Pela mesma razão lhe respondeu o Melique que o não havia de matar, pois eles confessavam que o padre fazia boas obras, e que **tal homem não merecia morte**, senão ser muito estimado e venerado, e desta maneira se livrava dos queixumes, que cada dia os mouros lhe faziam.” [...]

<sup>12</sup> que coloquei em Apêndice.

Passemos à descrição da MORTE de frei Jordão [de Évora], em Taná, a 16 de Janeiro de 1325, segundo frei José da Natividade, no *Agiológio Domínico* (t. V, pp. 178-181):

[**NOVOS MARTÍRIOS:**] “Vendo o Cassis Cádi e os mais **Cassizes**, que o padre Frei Jordão continuava com sua pregação, e convertia muitos gentios à fé de Cristo, foram-se a casa do **governador**, como **cães raivosos** clamando com grandes queixas, entre as quais a principal que faziam do **padre**, era que **blasfemava de Mafamefe** [=Maomé], **abominando sua seita**, e que os afrontava a todos, e que tudo isto fazia com favor de Melique, pois o consentia, e não permitia que o castigassem pela soltura de suas palavras, e que por causa dele governador ficava a lei de Mafamede muito abatida naquela ilha. E tantas **cousas** destas lhe disseram, que **o dobraram**, e de importunado, [qual **Pilatos, lava as mãos**<sup>13</sup>] deu licença a Cádi que o castigasse e fartasse já sua vontade; o que fez mais **constrangido de medo de o acusarem a el-rei**, que por sua vontade, porque era bem inclinado, e amigo do [p. 82] padre. O Cádi que outra coisa não desejava, tanto que teve licença do governador, ajuntou grande numero de mouros, e deu em casa do padre Frei Jordão, e ali lhe deram muitos coices e bofetadas, e **lhe ataram uma corda ao pescoço, e o levaram arrasto até o campo**, onde o acabaram de matar com pedradas.” [...] (EO. II. p. 82) O *Agiológio Domínico* acrescenta mais pormenores ao martírio, dizendo que “o lançaram fora” da cidade “com violência”<sup>14</sup>.

“Vendo [então] **alguns Cristãos** este atrevimento, e barbaridade, resolutos em sua defesa, **quizerão tomar armas contra estes ímpios; mas** respirando novos alentos **o glorioso herói lhes impediu a sua defesa**. Vendo os bárbaros, que ainda não havia expirado, perseverando no mesmo ódio **com grandes pedras lhe quebraram todos os ossos** até subir à felicidade da **Coroa Eterna**.” [...] (AgD. t. V, p.. 181) - **Qual Santo Estêvão (=Coroa) proto-mártir!**

[...] “A qual morte o glorioso mártir desejava muito padecer por Jesus Cristo Nosso Salvador, a quem tanto amava e servia. E quando viu sua hora chegada, a recebeu com maior gosto, que o que tinham os **carniceiros lobos**, que lha davam, porque com ela esperava alcançar a vida eterna, e a vista daquele Senhor, por quem morria.” [...] (EO. II, p. 82)

Fr. Jordão é, pois, comparado, nestas narrativas, tanto com o próprio Jesus Cristo como com o primeiro mártir do Cristianismo, Santo Estêvão.

---

### **Glória do Servo de Deus Frei Jordão: sua estátua no séc. XVI**

---

Narra depois o autor da *Ethiopia Oriental* como uma imagem de Fr. Jordão foi encontrada no século XVI pelos portugueses e como foi trasladada para o Convento de S. Domingos de Chaúl:

<sup>13</sup> “Pilatos”, assinala Fr. António do Rosário, na sua ficha.

<sup>14</sup> “[p. 180] o arrastavam pelas ruas [p. 181] da Cidade, e o lançaram fora dela com violência.”



**“A gente popular da ilha**, particularmente os gentios, sentiram muito a morte do seu santo padre de quem tinham recebido tão boas obras. Pelo qual respeito **lhe fizeram uma imagem de pau**, de comprimento de um palmo, **tirado pelo natural do mesmo padre, vestida com seu hábito**, com as mãos debaixo do escapulário, e o capelo posto até o meio da cabeça, como ordinariamente andava sendo vivo, **e puzeram** esta imagem entre os seus santos **no seu Pagode**, que é a sua igreja, onde o tinham e veneravam por santo. Este pagode **pelo tempo adiante arruinou e caiu**, como outros muitos fizeram depois da entrada dos portugueses na Índia, sem haver quem mais os levantasse. Pelo que **ficou esta imagem enterrada debaixo das pedras e calça muitos anos**. Sucedeu depois correndo os tempos que um **António de Sousa e sua mulher D. Maria Pereira**, fidalgos nobres e honrados, **moradores na ilha Taná, vieram a possuir esta aldeia**, onde estava o pagode, que dissemos, do qual estavam ainda levantados uns pedaços de paredes velhas; onde | [p. 83] querendo eles fazer umas casas para recolhimento da sua gente, e da fabrica daquela aldeia, mandaram tirar de dentro toda a pedra e calça e limpar o vão da casa, e indo cavando, **foram dar com a imagem de um frade S. Domingos**, que ali estava enterrada, o qual era de pau muito alvo, a que os naturais da terra chamam **pau evo**. Esta imagem era de feitio muito primo, e tinha o rosto muito formoso, liso e limpo, como se naquela hora fora enterrada, havendo muitos anos que ali estava. O que não carece de grande mistério.

[Glória:] **“O caso poz em grande admiração** os senhores da terra, e os mais que presentes se acharam **vendo uma imagem de religioso de S. Domingos enterrada** em uns pardieiros tão antigos **em terra de gentios**, tão distante de cristãos e religiosos. Pelo que **mandaram logo chamar os gentios antigos** daquela ilha, e **perguntaram-lhe que memória tinham** daquelas ruínas, e **que imagem era aquela** que ali acharam enterrada; os quais **responderam que** naquele lugar houve antigamente um pagode de seus antepassados, e **aquela imagem era de um homem santo, que** fora antigamente ter áquela ilha, e **andava vestido com hábito branco e capa preta**, e que fizera naquela terra muitos milagres, fora morto pelo Cássis dela, que era mouro, contra vontade de todo o povo, que o venerava e tinha por santo; e contaram toda a mesma **história** acima referida, **que diziam ter ouvido a seus antepassados**.

[Fr. Aleixo de Setúbal:] **“Esta imagem guardou** aquela nobre fidalga, **D. Maria Pereira**, e a tinha muito venerada. Sucedeu que **daí a alguns anos** foi ter à ilha de Taná **o padre Frei ALEIXO DE SETÚBAL**<sup>15</sup>, **prior** que então era | [p. 84] **de S. Domingos de Chaúl**, padre velho de muita autoridade e verdade, e pousando em casa do dito António de Sousa, de quem era muito amigo vieram-lhe a contar a história da imagem que tinham achado no pagode dos gentios, relatando-lhe tudo como fica dito. E o padre **lhe pediu muito que lhe mostrasse a imagem**; e D. Maria Pereira a foi tirar de um caixão, onde a tinha guardada e muito estimada, e a deu ao padre. O qual depois de a ter em seu poder, **lhe pediu muito que lha dessem**, para a levar ao convento de Chaúl. E os ditos senhores o houveram por bem, posto que mos-

<sup>15</sup> Sobre esta personagem, veja-se: Rosário, A., 1991 (DEP.XVI), II Parte, p. 110 b, nº 802.

travam muito sentimento de a tirarem de si, e ficarem sem ela. **O padre a levou consigo a Chaúl**, onde a teve sempre muito estimada e venerada.”

Termina Fr. João dos Santos a narrativa sobre Fr. Jordão de Évora e companheiros franciscanos com as seguintes afirmações:

**[Sangue da vingança: Perdão]** “De maneira que os religiosos destas duas ordens foram os primeiros que passaram à Índia Oriental, e a regaram com seu sangue derramado pela fé de Jesus Cristo, que confessavam e pregavam, o qual da terra estava dando brados ao céu, não como o sangue de Abel pela vingança de Caim, nem como o sangue do sacerdote Zacarias pelo castigo e destruição de Jerusalém, senão à imitação do precioso sangue daquele inocentíssimo cordeiro, que da cruz estava bradando ao padre Eterno perdoasse àqueles que tão cruelmente lhe tiravam a vida; assim o sangue destes santos mártires semeado por esta terra da Índia, bradava e pedia que viesse a lume o fructo de sua sementeira, que era ficar o conhecimento da fé, porque fôra derramado, impresso nos corações daquela gentilidade, que de tão longe foram buscar, para lhe ensinar o caminho da verdade.

“Cujos brados não foram frustados, antes ouvidos do piedoso Deus, que foi servido, e [p. 85] quiz que nascesse, e se criasse nestas mesmas terras uma grandíssima cristandade como agora está, porque sendo Taná uma povoação pequena, tem religiosos de S. Francisco, de Santo Agostinho, da Companhia, e S. Domingos, aos quais a câmara deu chão e o povo esmolas com que tem feito uma igreja da invocação de Nossa Senhora do Rosário, e um convento competente onde vivem os nossos religiosos.

“O que tudo se pode atribuir aos merecimentos destes santos mártires, primeiros fundadores daquelas cristandades, pois vemos que os mais religiosos e cristãos, que depois deles foram a estas partes, hoje as vão possuindo, e logrando-se do fructo do martírio. De maneira que temos visto como os religiosos de S. Domingos foram pregar o Santo Evangelho às partes orientais, muito tempo antes que a viagem da Índia fosse descoberta pelos portugueses, indo uns a Tartária, outros para A[r]ménia, outros para o Abexim, e estes últimos para a Índia” [...]. (EO. II, p. 85)

Conclui Fr. António do Rosário os seus apontamentos sobre estes missionários mártires: “Estes homens idos para Além-mar, saíram da Pátria solicitados pelos [relatos?] de anteriores emigrantes sem prévia preparação; movidos por novos impulsos? Uns morriam pelo caminho; outros talvez mais afoitos, salvaram forças, estímulo, das mesmas adversidades. Quantas maravilhosas epopeias!”



## Apêndice

### Preciosa carta da história desta primeira missionação

[Carta de Fr. Jordão O.P., aos frades O.F.M. e O.P., na Pérsia, em 1321 ou 1323]<sup>16</sup>

*A paz de Deos seja em nossas almas.*

*Aos Reverendos Padres Menores, e Prégadores da Cidade de Táuris em Diogorgan, e Amerga na Pérsia, se recomenda com lagrimas saudosas em Christo nas suas Oraçoens o mais indigno filho de nosso grande Pay São Domingos, Frei Jordão: e depois de saudar a VV. PP. beija a todos os pés com a mais profunda humildade. Escrevo estas letras para lhes dar parte, que me acho só, sem companheiro algum prégando nestas Índias, depois do glorioso Martýrio dos quatro Religiosos do N. Amantíssimo P. S. Francisco; com os quais tinha vindo a este Paiz. Os meus grandes peccados, me fizêraõ indigno de ter a mesma gloria: e só me deixáraõ viver para me fazerem sentir esta dolorosa separação: á vista da qual adoro a Suprema Bondade de nosso Deos, que assim o permittio.*

*Remeto a VV. PP. essas relíquias destes venturosos Mártýres; dos quais lhe dou parte, que assim, que tive noticia do seu glorioso trânzito, parti logo da Cidade em que me achava prégando, para lhes dar honorosa sepultura. **Bautizei neste Paiz por bondade de JESU Christo a mais de noventa pessoas.** Agora me acho na Cidade de Taná, onde **tenho bautizado a mais de cento e cincoenta** de ambos os sexos. Se eu tivera quem me ajudasse nesta empresa, sem duvida que fariámos hum numeroso fructo. **[Pede reforços]** Desejara eu, que pela Bondade de Jesu Christo me quizessem enviar alguns **Religiosos Missionários** para esta empresa; para a qual eu irei dispondo hum Igreja, ou habitação em que todos nos accomodemos.*

### [Martýrios a destacar:]

*Não posso explicar as fadigas, trabalhos, e perseguiçoens, que tenho sofrido depois da gloriosa morte de meus Santos Companheiros. No mar fui prezo pelos Cossários, e na terra pelos Sarrasenos. Accusáraõ-me, carregaraõ-me de injurias, despiraõ-me os hábitos, não me deixando mais que hum pobre túnica sobre o corpo; insofrível magoa, e para mim o mayor golpe. A fome, sede, frio, calma, doenças, e misérias, que aqui tenho sofrido, hé indizível á minha expressaõ. Mas todas estas penas são nada em comparaçaõ das que padeço vendo-me só, e sem poder seguir os meus queridos companheiros na sua ditosa morte. [Desejo de martýrio] Neste desterro me acho em quanto elles gózaõ da presença de Deos no Ceo. Elle que me inspira o desejo de morrer por seu amor, me queira consolar pela sua Divina Graça, confortando-me poderosamente nas injurias, que soffro. A grande esperança, que tenho de algum dia poder chegar á felicidade dos meus amados companheiros, hé a consolaçaõ, que me alivia nesta magoa, que padeço. De tudo me acho necessitado, e sem consolaçaõ humana. A contrariedade, que soffro daquelles, que não querem render-se á verdade, me faz odioso com o povo, e me impedem todo o fructo das Missoens. Mas não obstante estas contrariedades, nada me impede continuar no mesmo emprego.*

<sup>16</sup> Nota: A data de 1321 é assinalada por Diogo Barbosa Machado (1966, p. 789); a de 1323, por Fr. José da Natividade (1743, p. 180). Transcreve-se de: Natividade, J., 1743, pp. 179-180.

*Engrandecida seja a Bondade de Deos! Tenho bautizado neste tempo, e por estes Países a mais de 240. pessoas de hum, e outro sexo. Para continuar esta empresa, fico esperando pelo novo socorro de VV. PP. que lhes peço pelo amor de JESU Christo. Para a Ethyópia estão agora as cousas em tão bom estado, que se podia entrar nella com grande felicidade, se viessem bastantes Religiosos para esta Missão. Aviso a VV. PP. que os Índios estimaõ muito aos nossos Religiosos Romanos; e que se o Papa mandasse duas Galeras com Missionários, seria inconsiderável o fructo, que fariaõ nestes Países, e grande o damno, que o Sultaõ de Alexandria havia receber. Será necessário, que disto informem a Sua Santidade. Estes são os termos, em que me acho; e do que posso avisar a VV. PP. a quem peço muito as suas Orações para que possa acabar a vida no Amor de JESU Christo, da mesma sorte, que morrerão meus amados companheiros.*

*Cidade de Taná na Índia, aos 21 de Janeiro de 1323.*

*Escravo de JESU Crucificado, e indigno filho de S. Domingos.*

*Frei Jordaõ [de Évora].*

---

### *Bibliografia citada*<sup>17</sup>

---

ALMEIDA (OP), (Fr.) António-José de (1998) - *Imagines Sacrae no antigo Convento de S. Domingos de Benfica*. Lisboa: [Texto policopiado], 1998. Dissertação de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

ALMEIDA (O.P.), (Fr.) António-José de (2003) - "El escultor Manuel Pereira y un milagro de Fray João de Vasconcelos, O.P., predicador de Felipe IV". In rev. *Reales Sitios*. Madrid: Patrimonio Nacional. ISSN 0486-0993. Año XL (2003), nº 157 (3er. trimestre), pp. 20- 31.

ALMEIDA (O.P.), (Fr.) António-José de (2005 a) - *Imagens de Papel. 'O Flos sanctorum em linguagem português', de 1513, e as edições quinhentistas do de Fr. Diogo do Rosário OP. A problemática da sua ilustração xilográfica*. Porto: [Texto policopiado], [16 de Junho de] 2005. Tese de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

ALMEIDA (O.P.), (Fr.) António-José de (2005 b) - "Arte e Contra-Reforma". In *Jogos de Estética – Jogos de Guerra. 1º Simpósio Nacional de Teoria Estética e Filosofias da Arte*. Lisboa: Edições Colibri/ Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, Outubro de 2005 (Fronteira - Cadernos Culturais da Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, nº 2). Pp. 325-343.

CACEGAS (O.P.), (Fr.) Luís de; SOUSA (O.P.), (Fr.) Luís de - *Terceira Parte da História de S. Domingos particular do Reino e Conquistas de Portugal*. 3.ª ed., vol. 4. Lisboa: Typ. do Panorama, 1871.

ITURGAIZ Ciriza (O.P.), [Fr.] Domingo (2003) - *Santo Domingo de Guzmán en la Iconografía Española. Museografía Dominicana*. Madrid: Edibesa, D.L. 2003. ISBN: 84-8407398-X.

MACHADO, Diogo Barbosa (1966) - *Bibliotheca Lusitana*. Tomo II. [3.ª ed.] Coimbra: Atlântida Editora, 1966.

NATIVIDADE (O.P.), (Fr.) José da (1743) - *Additamento ao Agiologio Dominicó*. Tomo V. Lisboa: na officina Alvarense, 1743.

ROSÁRIO (O.P.), (Fr.) António do (1991) - *Dominicanos Em Portugal. Repertório do Século XVI*. Porto: Arquivo Histórico Dominicano Português/ Instituto Histórico Dominicano, 1991.

SANTOS (O.P.), (Fr.) João dos (1892) - *Ethiópia Oriental (Vária História de cousas notáveis do Oriente)*. II vol. [2ª ed.] Lisboa: Mello d'Azevedo, Lisboa 1892. (1.ª ed. Évora 1609).

---

<sup>17</sup> Assinaladas a negrito as abreviaturas usadas por Fr. António do Rosário, utilizadas no texto.